

Consumo de notícias no interior: relatos sobre duas cidades pequenas do Maranhão¹

Thays Assunção REIS²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Neste artigo apresentamos os dados quantitativos do consumo de notícias nas cidades maranhenses de Ribamar Fiquene e Lajeado Novo. A pesquisa foi realizada a partir da aplicação de questionários semiestruturados sobre o acesso a informações nas quatro mídias: jornal impresso, rádio, televisão e internet. Os resultados apontam que os meios de comunicação mais acessados para busca de notícias são a televisão e a internet, sendo que os fluxos informativos nessas mídias são majoritariamente nacionais. O jornal impresso, mesmo com sua baixa incidência, e o rádio conseguem oferecer aos municípios mais informações locais e regionais. Ainda notamos que as conversas informais e os grupos de whatsapp são os meios privilegiados pelos moradores das duas localidades para a apreensão dos acontecimentos locais.

Palavras-chave: Consumo; Cidades pequenas; Maranhão; Notícias.

Introdução

O artigo aqui apresentado faz parte da pesquisa de doutorado que investiga como as cidades médias da Amazônia Oriental (Imperatriz-MA, Araguaína-TO e Marabá-PA) se habilitam e exercem a função de centros regionais de notícias. Para isso, observamos as relações e os fluxos informativos estabelecidos entre as cidades médias e os centros menores inseridos na sua área de influência.

Nosso objetivo neste espaço é apresentar alguns resultados da pesquisa de campo realizada no Maranhão, especificadamente, os dados empíricos do consumo de notícias nas cidades maranhenses de Ribamar Fiquene e Lajeado Novo. Essas localidades integram a região de influência de Imperatriz, composta por 23 municípios, incluindo cidades do Tocantins, Pará e Maranhão (REGIC, 2007).

Importante explicar que as duas cidades foram escolhidas para a aplicação dos questionários por apresentarem o menor índice populacional (ambas contam pouco mais

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: thays.jornalista@gmail.com.

de 7 mil habitantes) dos centros urbanos do entorno de Imperatriz. Foram aplicados 200 questionários, 100 em cada município, entre os meses de dezembro de 2018 e janeiro de 2019.

O questionário foi formado por 22 questões (abertas e fechadas) referentes ao acesso às notícias nas quatro mídias: jornal impresso, rádio, televisão e internet. As perguntas contemplavam: a) acesso aos meios, b) frequência, c) nomes e locais de origem dos veículos consultados, d) suportes (no caso de jornal impresso, rádio e internet) e, e) plataformas (para a internet). Também investigamos os temas das notícias procuradas nos meios de comunicação, o tipo de informação jornalística que mais interessava os moradores, e a opinião sobre o papel de Imperatriz como um polo de produção de notícia e informação para a região. Fora estas perguntas, o questionário contou com uma parte de identificação dos entrevistados, com perguntas sobre sexo, idade e escolaridade.

O território brasileiro e as cidades pequenas

Refletir sobre as cidades pequenas no Brasil nos remete, antes de tudo, as diferenciações do território brasileiro. De acordo com os geógrafos Milton Santos e María Laura Silveira (2006), nosso país mostra diferenças de densidade quanto às “coisas, aos objetos, aos homens, ao movimento das coisas, dos homens, das informações, do dinheiro e também quanto às ações que revelam e escondem” (SANTOS; SILVEIRA, 2006, p.160). Neste sentido, podemos considerar as metrópoles e cidades médias como espaços de densidade na rede urbana, e as cidades pequenas como as “zonas de rarefação”, ou seja, áreas com baixa incidência ou inexistência de serviços e produtos urbanos básicos.

Além destas categorias, os autores chamam atenção para os “espaços de rapidez e lentidão” no país. Do ponto de vista material, os espaços de rapidez são aqueles dotados de maior número (e com boa qualidade) de serviços e equipamentos urbanos. Sob o aspecto social, são lugares onde é maior a vida das relações. De outro modo, a ideia de rapidez e lentidão está associada à noção do mandar e obedecer. “Os espaços do mandar são ordenadores da produção, do movimento e do pensamento em relação ao território como um todo” (SANTOS e SILVEIRA, 2006, p. 263). É possível perceber que as cidades médias funcionam como espaços de comando frente às cidades pequenas do entorno, pois elas conseguem gerar um excedente de produtos e atendimentos

capazes de atender tanto os consumidores locais, como aqueles provenientes de povoados e cidades menores.

A natureza das pequenas cidades no Brasil está relacionada ao sentido assumido pelo termo cidade e população urbana no Brasil. Beatriz Soares (2007), a partir da Constituição Brasileira de 1946, explica que toda sede de distrito é considerada uma cidade, independente de seu tamanho territorial ou populacional. A diferenciação entre as cidades leva em consideração diferentes fatores, sendo um deles o contingente populacional.

Segundo Maia (2010), a classe de cidades pequenas compreendem aquelas que possuem até 20 mil habitantes. Já Costa (2017), a partir de (Corrêa, 1999; Santos e Silveira, 2001; Fresca, 2001), considera que o tamanho da população da cidade pequena é aquela que não supera 50.000 habitantes para o Brasil. No estudo Regiões de Influência das Cidades (Regic, 2008), as cidades pequenas estão classificadas em: **a) Centro de zona (A e B)**– nível formado por 556 cidades de menor porte e com atuação restrita à sua área imediata; **b) Centro local** – as demais 4.473 cidades cuja centralidade e atuação não extrapolam os limites do seu município, servindo apenas aos seus habitantes, têm população predominantemente inferior a 10 mil habitantes.

Milton Santos (1982) considera as cidades pequenas como “cidades locais” que apresentam uma estrutura capaz de atender as “necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações” (SANTOS, 1982, p.71). De outro lado, Beatriz Soares (2007) explica que as cidades pequenas se diferenciam de outros centros urbanos por apresentarem “importantes fatores de produção que, às vezes, não estão mais presentes nas grandes e médias cidades tais como matéria-prima, mão-de-obra barata e por vezes qualificada, proximidades, aos mercados rurais e baixo custo dos terrenos” (SOARES, 2007, p.467). Com base nesses entendimentos, podemos concluir que os pequenos centros são lugares marcados por uma influência estritamente local, com ausência de funções e serviços urbanos sofisticados.

Resultados e discussões dos dados

As cidades pequenas são a maioria no território brasileiro. Segundo o IBGE (2018), 68,4% dos municípios brasileiros possui uma população de até 20 mil habitantes. No Maranhão, a realidade não é diferente. Dos 217 municípios que fazem

parte do estado, 193 são pequenos centros urbanos (com até 50 mil habitantes), localizados principalmente no interior maranhense. As cidades de Ribamar Fiquene (com 7.755 habitantes) e Lajeado Novo (com 7.496 habitantes) fazem parte desta realidade. Elas estão inseridas no sudoeste do Maranhão e foram investigadas nesse primeiro momento do trabalho de campo para averiguar a presença de produção jornalística e a origem dos fluxos de informação presentes em seus espaços.

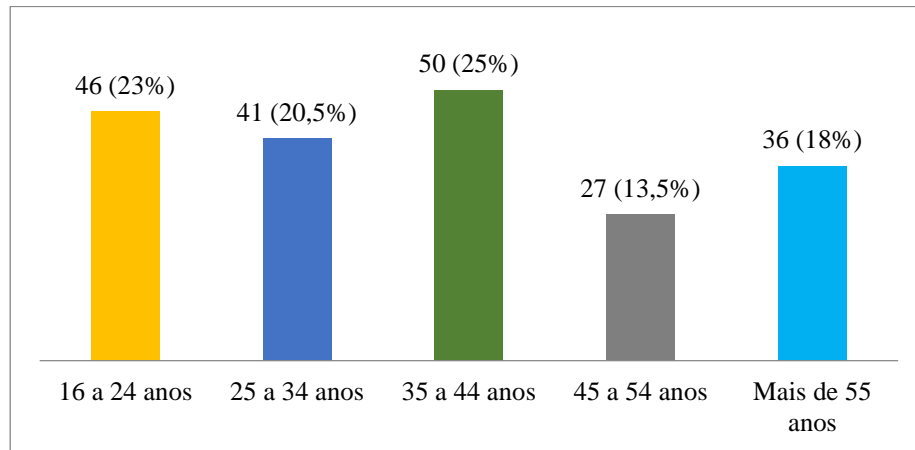
Nos dois municípios o único meio de comunicação existente é o rádio. No caso de Ribamar Fiquene, a rádio Sumaúma FM (106, 3) funciona desde 2007 de forma regular e legalizada. Trata-se de uma emissora comunitária, dirigida pelo jornalista Marcelo Rodrigues. Ela possui quatro programas exibidos de segunda à sexta-feira: **a)** “Bom dia Sumaúma” (07h30 às 10h); **b)** “Jogo Aberto” (10h às 12h); **c)** “Jornal Central” (12h às 12h30) e **d)** “Viola e Violeiros” (17h às 19h). O primeiro traz informações locais apresentadas por Marcelo Rodrigues. O segundo é um programa esportivo com locução de Edvan Araújo. O terceiro é um radiojornal fornecido gratuitamente pela agência Central de Notícias de São Luís para as cidades maranhenses. E o último é um programa cultural voltado para o homem do campo com apresentação do professor Vicente Guimarães. Aos finais de semana, especialmente aos domingos, a programação é dirigida pelas igrejas evangélicas da cidade.

Em Lajeado Novo, a rádio Cidade FM (106, 3) foi instalada no ano 2000 pelo radialista José Alves da Silva, conhecido como Jota Alves, para prestar serviço de radiodifusão comunitária. No entanto, a emissora nunca conseguiu outorga para seu funcionamento, sendo fechada em vários momentos pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Atualmente, a rádio opera de forma irregular, com transmissões pontuais de avisos sobre cadastramentos, atendimento médico, notas de falecimento, documentos perdidos, etc.

Partindo agora para os dados de consumo de notícias nos dois municípios, é interessante detalhar de antemão o perfil dos entrevistados. Dos 200 questionários aplicados na pesquisa, 111 (55,5%) foram respondidos por mulheres e 89 (44,5%) por homens. Em relação à idade, os moradores entre 35 e 44 anos foram os que apresentaram mais respostas, 50 (25%) no total, seguida pelos informantes de 16 a 24, com 46 (23%) ocorrências. Também os moradores nas faixas de 25 a 34 anos e mais de 55 anos tiveram um número considerável de respostas, 41 (20,5%) e 36 (18%)

respectivamente. Em menor quantidade, foram anotadas 27 (13,5%) participações na faixa etária de 45 a 54 anos, como mostra o gráfico 1.

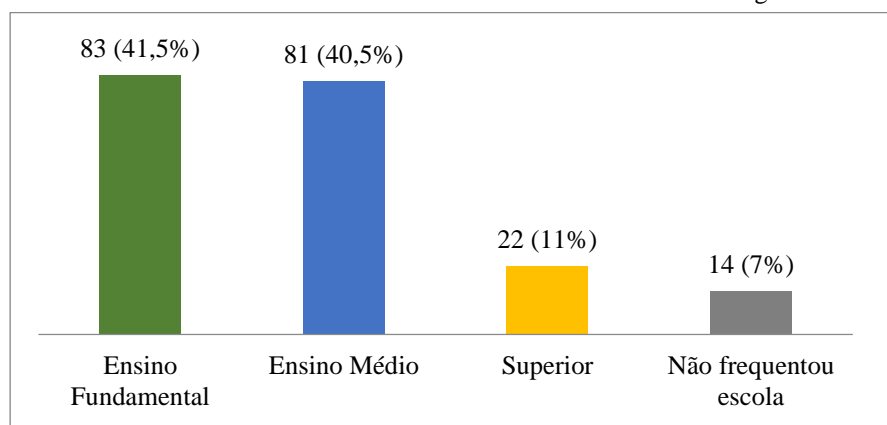
Gráfico 1 - Faixa etária dos moradores nas duas cidades investigadas



Fonte: A autora (2019)

No que diz respeito à escolaridade dos participantes, a maioria cursou somente o ensino fundamental, 83 (41,5%), e o ensino médio 81 (40,5%). Por sua vez, outros informantes nem chegaram a frequentar a escola, 14 (7%) do conjunto investigado. Mas foram encontrados 22 (11%) moradores com curso superior, segundo revela o gráfico 2. Interessante destacar que há uma correspondência entre o baixo índice de educação superior com a ausência de cursos de graduação e pós-graduação nos municípios visitados.

Gráfico 2 – Escolaridade dos moradores nas duas cidades investigadas



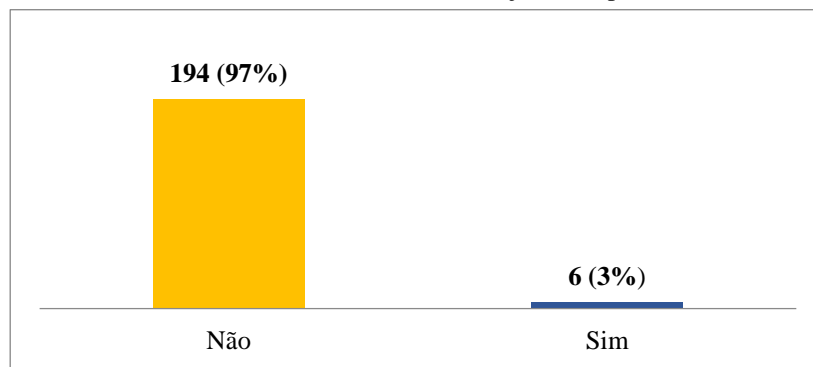
Fonte: A autora (2019)

Notamos também que os informantes com curso superior estudaram ou ainda estudam em instituições de ensino de Imperatriz, considerada a principal referência em educação superior da região Sulmaranhense. Segundo Macedo (2015), a cidade conta

com aproximadamente 60 cursos em nível de graduação presenciais e quase 20 cursos em nível de especialização.

Observando especificamente as informações sobre o consumo de notícia, percebemos que o jornal impresso, dentre todas as mídias investigadas, é a que possui menos adeptos. Apenas seis moradores (3%) de Ribamar Fiquene disseram que lêem jornal impresso. Enquanto que em Lajeado Novo nenhum dos informantes respondeu positivamente sobre o uso do jornal. Assim totalizamos 194 (97%) entrevistados que não lêem notícias na plataforma impressa.

Gráfico 3 – Acesso às notícias no jornal impresso



Fonte: A autora (2019)

Convém pontuar que dentre os leitores de jornais, o consumo não ocorre de forma regular, sendo feito em alguns dias da semana (4), aos finais de semana (1) e raramente (1). Os principais jornais lidos são *O Progresso* – diário de Imperatriz, e *O Estado do Maranhão* – periódico de São Luís. Eles são consultados principalmente na versão impressa, adquirida em bancas de jornal de Imperatriz. Houve apenas um informante que afirmou utilizar a versão digital do *Progresso*, disponível gratuitamente no site do veículo.

O rádio é um dos principais meios de comunicação do território maranhense. Segundo Junior et al (2018), existem 455 emissoras em operação, 52 na frequência AM e 403 em FM. Do total, 237 canais são comerciais, 36 emissoras são classificadas como educativas, duas são consideradas públicas e 180 são comunitárias legais. Apesar da expressiva presença, a mídia não demonstrou uma audiência tão elevada nesta fase inicial do trabalho de campo. Dos 200 entrevistados, somente 97 (48,5%) afirmou ouvir rádio para se informar, sendo 36 (18%) em Lajeado Novo e 61 (30,5%) em Ribamar Fiquene. Enquanto que a maioria dos participantes, 103 (51,5%), disse não acompanhar

nenhuma emissora de rádio. Podemos inferir que o número de ouvintes em Ribamar Fiquene é maior devido ao funcionamento frequente da emissora local e a sintonia de outros veículos no município.

Tabela 1 – Consumo de notícias no rádio nas cidades investigadas

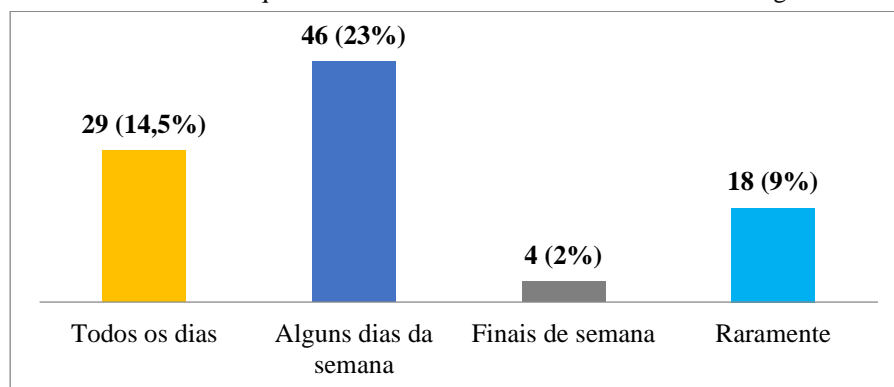
CIDADE	OUVE NOTÍCIAS NO RÁDIO?		TOTAL
	Não	Sim	
Lajeado Novo	64	36	100
	32,00%	18,00%	50,00%
Ribamar Fiquene	39	61	100
	19,50%	30,50%	50,00%
TOTAL	103	97	200
	51,50%	48,50%	100,0%

Fonte: A autora (2019)

Seguindo nesse caminho, as rádios mais ouvidas são de localidades vizinhas, com 66 (54%) respostas dos informantes. A rádio local (própria daquele município) aparece em 53 (44%) questionários. Nos dois municípios, os entrevistados declararam ouvir rádios de Imperatriz (Nativa, Mirante e Terra FM), mas Lajeado Novo teve um diferencial por apresentar também emissoras de Porto Franco (São Francisco FM), e Tocantinópolis (Rádio Sucesso). Oportuno mencionar a presença de duas repostas (2%) voltadas para emissoras nacionais (Jovem Pan e Rádio Globo).

A frequência do consumo de notícias pelo rádio, em sua maioria, é irregular, com 46 (23%) respostas indicando a alternativa “alguns dias da semana”, 18 (9%) “raramente” e 4 (2%) aos “fins de semana”. Por outro lado, encontramos 29 (14,5%) moradores que informaram ouvir rádio “todos os dias”.

Gráfico 4 – Frequência do consumo de rádio nas cidades investigadas



Fonte: A autora (2019)

Questionados sobre o tipo de dispositivo usado para ouvir rádio, 68 (34%) entrevistados declararam utilizar aparelhos tradicionais, 21 (10,5%) adotam o celular, 7 (3,5%) ouvem no carro e um (0,5%) usa o computador. Notamos que, mesmo em um cenário de portabilidade e novos hábitos de audição, a audiência analógica prevalece nas cidades pequenas do interior, utilizando de forma exclusiva os tradicionais aparelhos de rádio para sintonizar as emissoras.

A mídia mais acessada pelos moradores das duas cidades maranhenses para obter notícias é a televisão: 170 (85%) informantes responderam que assistem telejornais e apenas 30 (15%) disseram que não assistem. Do número dos que acompanham telejornal, 86 (43%) pertencem a Lajeado Novo e 84 (42%) são de Ribamar Fiquene.

Tabela 2 – Consumo de telejornais nas duas cidades investigadas

CIDADE	ASSISTE TELEJORNAL?		TOTAL
	Não	Sim	
Lajeado Novo	14	86	100
	7,00%	43,00%	50,00%
Ribamar Fiquene	16	84	100
	8,00%	42,00%	50,00%
TOTAL	30	170	200
	15,00%	85,00%	100,00%

Fonte: A autora (2019)

Sobre a frequência do consumo, a maior parte dos entrevistados (86 - equivalente a 43%) disse que assiste telejornais alguns dias da semana. A segunda maior quantidade (73 ou 36,5%) de respostas foi do grupo de moradores que assiste telejornais todos os dias, seguida das pessoas que assistem raramente (8 ou 4%) e aos finais de semana (3 ou 1,5%).

Outra conclusão da pesquisa é que os telejornais assistidos nas duas cidades pequenas são majoritariamente nacionais (167, equivalente a 91%), ou seja, do eixo Rio-São Paulo. Alguns deles são: Jornal Nacional, Jornal Hoje, Bom dia Brasil, Jornal da Globo, Jornal da Record, Jornal da Band, Cidade Alerta e Brasil Urgente. Tal realidade sinaliza para uma densidade no consumo de fluxos informativos nacionais, e uma escassez de informações de proximidade nos telejornais sintonizados nas cidades pesquisadas (SANTOS; SILVEIRA, 2006).

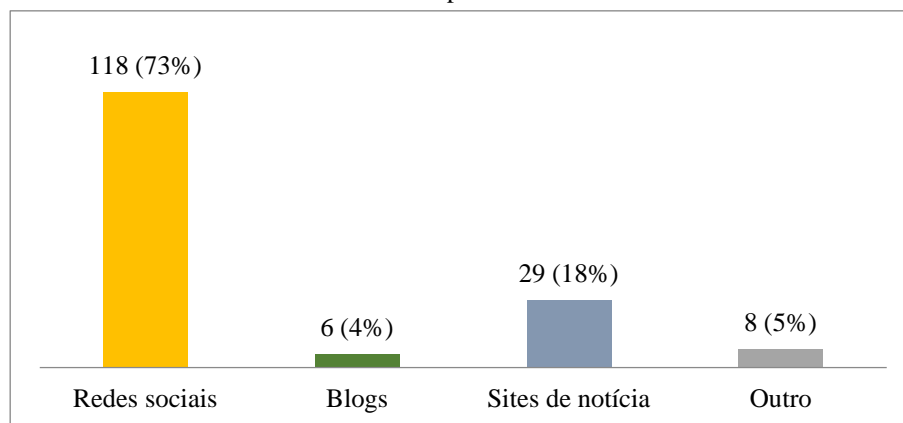
Os telejornais de localidades vizinhas, como Imperatriz, tiveram 10 (5%) respostas e os de São Luís somaram 7 (4%) no total dos questionários. O Jornal da Mirante (JMTV) 1º e 2º edição foram os telejornais mais citados quando o assunto eram as notícias regionais.

Depois da televisão, a internet é o suporte mais utilizado pelos moradores de Ribamar Fiquene e Lajeado Novo para buscarem informações: 136 (68%) moradores disseram acessar a rede e apenas 64 (32%) afirmaram não consumir notícias pelo ambiente digital. Nesse contexto é importante explicar que os moradores com idade acima de 55 anos, sem nenhuma escolaridade ou com apenas ensino fundamental foram os que mais relataram não usar a internet.

Além deste dado, a internet, de todas as mídias investigadas, demonstrou maior regularidade no acesso as notícias, com 83 (41,5%) respostas indicando uma frequência diária. Depois registramos 48 (24%) ocorrências em alguns dias da semana, 4 (2%) em raramente e 1 (0,5%) aos finais de semana. Com relação aos dispositivos adotados para acessar notícias na internet, o celular é o que prevalece nas respostas, com 135 (67,5%), seguido pelo notebook com 13 (6,5%) e computador de mesa com 12 (6%).

As redes sociais (facebook, youtube, twitter, instagram, etc) são as plataformas mais acessadas para buscar informações nas cidades do interior do Maranhão. Elas tiveram 118 (73%) respostas, e superaram espaços jornalísticos formalizados, como os sites de notícias, que reuniram somente 29 (18%) ocorrências. Esse cenário pode ser explicado pelo baixo acesso à internet no Maranhão, apenas 56,1% dos domicílios têm acesso à rede (PNAD/2017), o que contribui para que a população prefira pacotes de dados móveis (com whatsApp e redes sociais ilimitados) oferecidos pelas operadoras de celular.

Gráfico 5 – Plataformas usadas para o acesso às notícias na internet



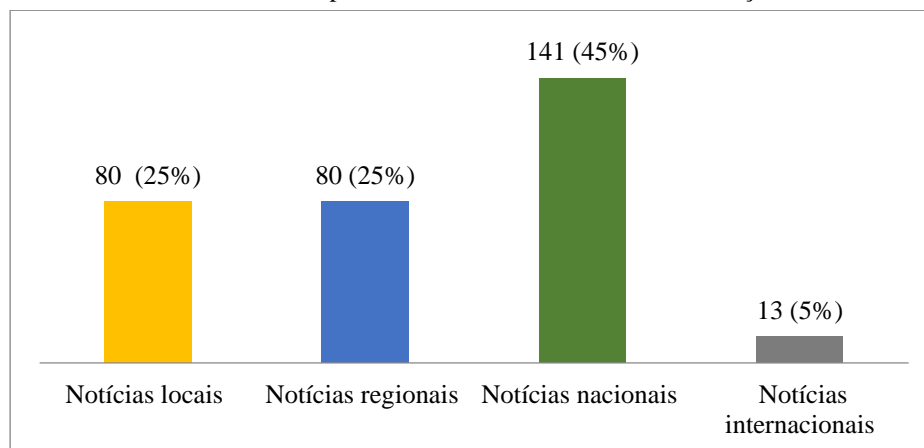
Fonte: A autora (2019)

Chama atenção ainda as 8 (5%) repostas considerando o “Google” como uma plataforma de acesso a conteúdo jornalístico. Consideramos que essas empresas, conforme Bell e Owen (2017), assumem hoje a função das editoras tradicionais, distribuindo e controlando a visibilidade dos conteúdos jornalísticos pelo público. Os blogs também apareceram na pesquisa, contabilizando 6 (4%) presenças.

Dos sites de notícias e blogs acessados pelos informantes, os veículos nacionais (do eixo Rio-São Paulo) foram os que tiveram maior destaque, com 26 (67%) respostas. O portal de notícias da Globo (G1), UOL, Terra, O Antagonista e R7 são exemplos de veículos mencionados na pesquisa. Ainda tivemos 7 (18%) repostas citando sites de localidades vizinhas e 6 (15%) de São Luís. São eles: Asmoimp (blog de Imperatriz), Imirante (site de São Luís com produção em Imperatriz), Só Falo a Verdade (blog de Imperatriz) e Blog da Kelly Queiroz (de Imperatriz).

Referente ao tipo de notícia que mais interessa os moradores das cidades pequenas nos meios de comunicação, as informações nacionais, com 141 (45%) respostas, superaram a preferência por acontecimentos da cena local e regional, visto que cada uma destas categorias reuniu 80 (25%) ocorrências. Os conteúdos internacionais são os que tiveram a menor quantidade, somando 13 (5%) repostas no total. Consideramos que esta realidade é sintoma dos altos índices de informações nacionais, sobretudo pela televisão, associado à ausência ou inexpressiva presença de acontecimentos jornalísticos nas cidades pequenas investigadas.

Gráfico 6 – Tipos de notícias nos meios de comunicação

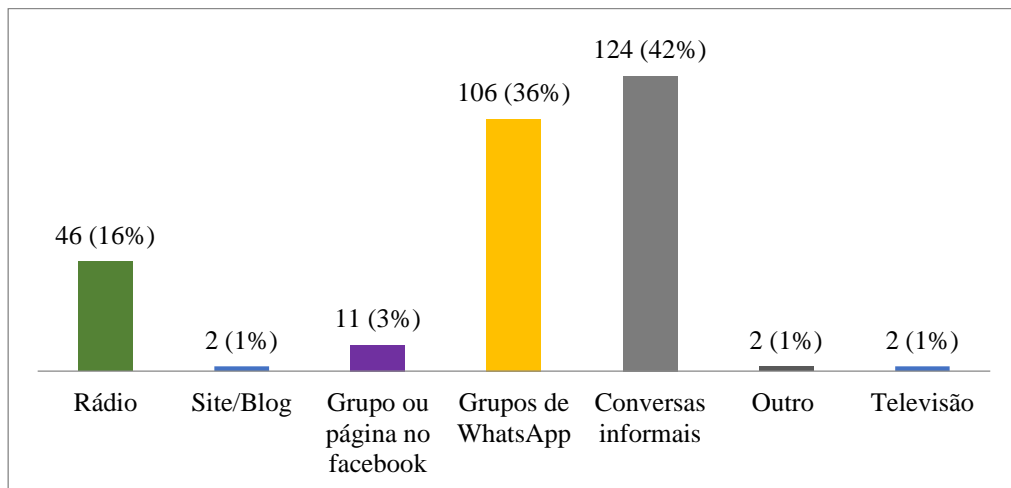


Fonte: A autora (2019)

Os temas de notícias mais procurados pelos moradores são: Saúde (115), Educação (93), Política (89), Mercado de trabalho (65), Economia (41), Esportes (41), Polícia (31), Cultura/Lazer (23), Meio Ambiente (18) e Opinião (6). Outros assuntos encontrados nas respostas são segurança, agronegócio e comércio eletrônico.

Quando perguntamos aos entrevistados como eles se informavam sobre a realidade local, as alternativas mais indicadas foram: a) conversas informais, com 124 (42%) ocorrências e os b) grupos de whatsapp, com 106 (36%). As práticas orais são bastante comuns em cidades com baixa densidade demográfica, onde praticamente todos os moradores se conhecem. Ao lado delas, o whatsapp, confere instantaneidade à propagação das informações nos centros urbanos. Notamos assim aspectos de rapidez e lentidão (Santos Silveira, 2006) coexistindo em um mesmo território, e estabelecendo uma lógica comunicacional singular.

Gráfico 7 – Formas de acesso às informações locais nas cidades investigadas



Fonte: A autora (2019)

Fora estes canais de comunicação, o rádio (46 ou 16%), principalmente na cidade de Ribamar Fiquene, foi o terceiro mais mencionado para o conhecimento de fatos do cotidiano. Em menores índices tivemos os grupos e páginas do facebook (11 ou 3%), blogs/sites de notícias (2 ou 1%), televisão (2 ou 1%) e a categoria ‘outros’ (2 ou 1%), que corresponde aos carros de som e ao testemunho dos fatos.

Nossa última pergunta tratou da constituição de Imperatriz como um polo de produção de notícias no sudoeste Maranhense. De modo geral, as respostas confirmaram a “pujança” jornalística do território imperatrizense na região. As justificativas empregadas fazem referência ao tamanho demográfico de Imperatriz, ao

número elevado de empresas de comunicação no município, ao recebimento e distribuição de informações regionais, aos deslocamentos realizados para consumir serviços/ produtos nas áreas da saúde, comércio e educação, entre outros fatores.

Algumas considerações

Com a realização desta pesquisa foi possível perceber que as cidades maranhenses de Ribamar Fiquene e Lajeado Novo não possuem uma cobertura jornalística significativa, sendo assim consideradas como desertos e quase desertos de notícias (Projor, 2019). Ribamar Fiquene possui somente uma rádio comunitária, ou seja, a qualquer momento ela pode torna-se um lugar sem produção local. Já Lajeado Novo pode ser enquadrado como um deserto de notícias, visto que a rádio existente no município não funciona regularmente.

Os dados encontrados na pesquisa mostram que o jornal impresso e o rádio são os meios de comunicação menos acessados pelos moradores para buscarem notícias. Por outro lado, a origem dos fluxos informativos presentes nesses suportes é a que consegue melhor expressar as articulações com outros municípios da região, principalmente Imperatriz. Além disso, os radialistas das pequenas cidades informaram que costumam enviar notícias e informações locais para os veículos de comunicação imperatrizenses. Desse modo, o espaço da cidade média acaba polarizando as informações do entorno.

A televisão e a internet são as plataformas mais procuradas para notícias. No entanto, os fluxos de informação identificados nestes meios são majoritariamente nacionais, isto é, as pessoas ficam sabendo mais sobre o que acontece no Rio de Janeiro e São Paulo, do que na sua cidade, estado ou região. Muitos moradores, durante a aplicação dos questionários, informaram que os aparelhos de televisão não captam os sinais das emissoras de Imperatriz ou São Luís.

Por outro lado, é importante destacar que as redes sociais, de modo particular o WhatsApp, podem trazer informações de proximidade para estes espaços. Isso é sinalizado quando os entrevistados indicam os grupos de WhatsApp como um dos meios mais usados para obter informações locais e, inclusive, de municípios vizinhos. O aplicativo de mensagens só fica atrás das “conversas informais”, práticas muito adotadas pelos moradores para saberem do cotidiano das cidades.

Finalmente, percebemos que investigar o consumo de notícias e informações em centros urbanos marcados pela escassez de serviços básicos e grandes distâncias, como

a região amazônica, mostra-se desafiador e relevante para o campo da Comunicação, pois permite descortinar os espaços que geram e mantêm fluxos de informação no interior do país.

Referências

BELL, Emily; OWER, Taulor. The platform press: how Silicon Valley reengineered journalism. Tow Center for Digital Journalism, 2017. Disponível em: http://towcenter.org/wpcontent/uploads/2017/04/The_Platform_Press_Tow_Report_2017.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

COSTA, Aldenilson. **Desafios e tendências dos estudos sobre cidades pequenas no Brasil**. In: IX Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2017.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro, 2008.

MAIA, Doralice Sátyro. **Cidades médias e pequenas do nordeste**: conferência de abertura. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs). Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010.

PROJOR (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo). Atlas da Notícia [on-line]. São Paulo: 2019. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em 30 de junho de 2019.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Pequenas e Médias Cidades**: Um estudo sobre as relações socioespaciais nas áreas de cerrado em Minas Gerais. In: Sposito, Maria Encarnação Beltrão. Cidades Médias: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUSA, Jailson de Macedo. **Enredos da dinâmica urbano-regional Sulmaranhense**: reflexões a partir da centralidade econômica Açailândia, Balsas e Imperatriz. Tese de doutorado em Geografia 2015, UFU, Uberlândia, 2015.